

# GAZETA MUSICAL

Publica-se de 15 em 15 dias

---

Director-proprietario: Alfredo Bertin de Vasconcellos  
REDACTOR-PRINCIPAL: IGNACIO PORTO-ALEGRE

---

Assignatura para a Capital Federal e os Estados: 10\$000 annuaes; paizes estrangeiros: 12\$000.

Redacção e administração: Rua da Quitanda, 42, para onde deverão ser enviadas quaesquer correspondencias e communicações, que não serão restituídas ainda que não sejam publicadas

---

## Instituto Nacional de Musica

(Continuado do n. 16)

*Gabinete de physica.* — No proximo anno devemos ter alumnos no curso de esthetica, o qual, como sabeis, se occupa largamente do estudo da acustica. Para isso precisamos montar o nosso gabinete de instrumentos adequados a esse estudo, escolhendo os que mais sirvam à especialidade e os que modernamente tem sido reformados.

Julgo facil a montagem deste gabinete, por isso, que me consta existirem muitas duplicatas nas collecções da Escola Polytechnica; e tomo a liberdade de lembrar-vos, como o meio facil e mais economico, que mandeis fazer cedencia a esse Instituto das duplicatas que existam naquella Escola, e a ella não façam falta completando-se depois a collecção de que precisamos e da qual opportunamente vos fornecerei relação circumstanciada.

E' inutil encarecer a necessidade da boa montagem do nosso gabinete de apparatus acusticos sem os quaes é impossivel o estudo cuidado da esthetica moderna.

Lembrando-vos o meio acima indicado, só tive em vista tornar favoravel a installação desse gabinete e a este respeito eu espero as vossas ordens urgentes para que no novo anno escolar esteja elle montado convenientemente, como se faz mister.

*Diapasão Normal.* — No meu relatorio do anno passado, tratando da necessidade da adopção do diapasão de 870 vibrações simples, que os paizes adeantados adoptaram como diapasão normal, fallei larga-

mente a este respeito, expondo a urgencia dessa adopção e citando as suas vantagens; fui mesmo até dar a traducção do decreto de lei franceza que o tornou obrigatorio, decreto que me parece poder ser adaptado ao nosso meio, soffrendo alterações de pequena monta que o tornem compativel com o nosso paiz e as nossas condições.

Volto hoje a tratar deste assumpto, tão importante elle é, e vos peço todo o vosso valimento para este magno assumpto, que importa na regularisação, na systematisação do nosso estudo e no aperfeiçoamento da nossa educação artistica.

Este assumpto, que parecerá aos profanos de pouco monta, é de tão vital interesse, é de tão grande importancia, que sem a adopção do diapasão normal nós veremos perdidos todos os esforços deste Instituto em assentar as bases de uma solida escola de canto, cuja preocupação constante é a conservação da voz em toda a sua frescura e belleza de timbre.

Sendo de primeira necessidade a creação de grandes *orpheons*, onde se eduque a nossa mocidade, se lhe dê independencia de ouvido e se lhe aperfeiçõe o gosto musical pelos trabalhos choraes de merecimento, está mais que provado que é necessaria a adopção do diapasão normal, typo da extensão da voz humana.

Si com o nosso clima já é difficil a obtenção de vozes com timbre seguro e perfeito, não deve o governo vacillar na adopção de uma medida que é de facil execução no nosso paiz, de insignificante dispendio e de resultados promptos e uteis a todos nós.

Até hoje se não pensou na creação do Gymnasio Militar, curso annexo a este Instituto e destinado a melhorar as nossas bandas militares, que se acham no mais deploravel estado de atraso, por falta de conveniente instrucção; no meu relatorio passado fallei a este respeito; existe na secretaria da guerra o meu projecto sobre a creação do Gymnasio; no tempo do Governo Provisorio foi entregue ao Sr. ministro da guerra de então, um memorial assignado por quasi todos os musicos militares da Capital Federal pedindo a creação desta escola a elles tão necessaria; pois bem, apezar de tudo isso, nunca se tratou de semelhante assumpto e era justamente no Instituto e no Gymnasio que eu me apoiava para fimar entre nós o diapasão normal, já adoptando-o naquelle, já organisando as novas bandas com instrumentos justos de 870 vibrações.

Todos os meus esforços a este respeito teem sido em pura perda, e si continúo a insistir neste ponto é que me parece que merecia serio estudo do Governo esse projecto que foi attentamente lido pelo

nosso grande patriota, o Dr. Benjamin Constant, e por elle mostrado a muitos officiaes superiores do nosso exercito, que sobre esse trabalho me teem dado opiniões muito lisongeiras.

A creação do Gymnasio Militar é tão necessaria, impõe-se de tal maneira, que não preciso a seu favor apresentar novos argumentos, pedindo apenas ao Governo que leia o meu projecto e o que a tal respeito escrevi no meu relatorio passado.

O que, porém, se não póde fazer talvez já, creando o Gymnasio Militar, póde ser feito com a adopção, nas bandas militares, do diapasão normal, que deve ser imposto a todas as escolas do governo e a todos os theatros lyricos e salas de concertos subvencionados. E' preciso que venha a lei que creie o diapasão normal, que neste Intituto exista o estalão-prototypo de 870 vibrações simples e que sejam as bandas militares as primeiras a adoptal-o.

A difficuldade que se apresentaria do dispendio com a reforma completa de instrumental deixa de apparecer, desde que vos diga que essa reforma só é necessaria nos instrumentos de madeira e que os de metal podem ser modificados de diapasão nesta capital, onde existe uma fabrica especial desses instrumentos, que pode ser incumbida de fazer as modificações necessarias. Só não podem ser aproveitados os ophcleides, instrumentos detestaveis, sem familia nas bandas e orchestras, imprestaveis, condemnados em toda a parte do mundo onde se cuida de musica e que só servem nas bandas dos corpos para dar uma idéa justissima do nosso atraso e da incompetencia, em materia musical, dos antigos governos monarchicos.

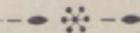
Ora, sabendo-se que o maior numero de instrumentos póde soffrer a alteração necessaria, verificando-se, como se verificou já, que póde esta ser feita no nosso paiz, não ha razão alguma que nos prenda e nos inhiba de adoptar desde já nas bandas militares o diapasão normal, esperando que se imponha a creação do Gymnasio Militar, para que então se cuide da educação do musico, das suas regalias e da organização das bandas, que se acham em um estado deploravel e com uma organização de instrumental irrisoria, sem nexo, sem ordem de especie alguma.

Adoptado que seja por lei o diapasão normal, usado por este Instituto, pelas escolas e pelas bandas militares, é claro que serão absorvidos os elementos estranhos a estas corporações e escolas, e que em muito pouco tempo estará elle estabelecido, mesmo entre as orchestras particulares, o que importa dizer em todo o paiz.

A criação da lei que adopte o diapasão de 870 vibrações simples, adoptado pela Allemanha, a França, a Belgica, a Austria, a Suissa, etc., é incontestavelmente de urgente necessidade no nosso paiz, devendo as escolas publicas, as bandas militares e os theatros e concertos subvencionados serem obrigados a verificarem pelo estalão-prototypo, que será creado neste Instituto, os seus diapasões.

LEOPOLDO MIGUÉZ.

(Continúa).



## A musica e seus representantes

### PALESTRA SOBRE A MUSICA

(Continuação)

— E agora a respeito de quem me vae fallar ?

— D'aquelle cujo busto lhe causou admiração por estar entre os meus eleitos.

— De CHOPIN ? E' curioso,

— Notou sem duvida que todos os grandes musicos de que lhe fallei deram o melhor da sua alma ao piano, mas o bardo, o rapsodo, o genio d'este instrumento, é Chopin. Foi o piano quem lhe amoldou a alma ? foi Chopin quem ao teclado communicou a sua alma ? ignoro-o, mas as suas obras não pódem ter sido produzidas sinão por uma absorpção [completa de um pelo outro. O tragico, o romantico, o lyrico, o heroico, o dramatico, o phantastico, a cordialidade, a *rêverie*, o brio, a grandeza, a simplicidade, todas as nuanças possiveis se encontram nas obras de Chopin para piano, e tudo isso na sua expressão mais caracteristica.

— Julgo que o senhor ultrapassa os limites do elogio.

— Quer que enumere todas as obras que justificam estes elogios ? Os seus *Preludios* (a perola da sua obra), a maior parte dos seu *Estudos* e *Nocturnos*, as *Polonezas* em *mi* bemol menor, em *do* sustenido menor, em *fa* sustenido menor, em *la* bemol maior, e sobretudo as em *la* maior e em *do* menor,— uma que parece ser o quadro da grandeza da Polonia, a outra o da sua queda. Depois as quatro *Balladas*, os *Scherzos* em *si* menor e em *si* bemol menor, as *Sonatas* em *si* bemol menor e em *si* menor. A primeira d'estas sonatas é um drama completo : depois

da Marcha fúnebre, de um sentimento tão intenso e de um caracter tão lyrico, vem a ultima parte, que é como que o sopro nocturno do vento sobre as campas do cemiterio. Emfim, acima de todas as suas obras, veem *last not least* as suas mazurkas ! A' excepção das suas *Polonezas* e *Mazurkas* elle não escreveu intencionalmente musica polaca, mas em todos os seus trabalhos se ouve a glorificação da antiga Polonia e o canto, a dor e as lamentações que a sua queda lhe faz soltar. Sob o ponto de vista exclusivamente musical, que belleza na criação, que perfeição na technica e na fórma, que interesse e novidade na harmonia e muitas vezes quanta grandeza ! Elle é tambem um dos que, em bem pequeno numero, não teem quem os ultrapasse. E' ainda interessante sob o ponto de vista de que é o unico de todos os compositores que, tendo reconhecido a especialidade da sua natureza, d'ella se não afastou, e, á excepção de alguns romances, não se lançou em outros generos. Chopin foi verdadeiramente a *alma* do piano.

— Elle me é tambem muito sympathico ; mas não esperava vel-o objecto de uma tal apotheose.

— E' com Chopin que, segundo o meu modo de ver, termina a terceira epoca da arte musical.

— Desejava que me explicasse a sua divisão por epocas ; porque, em boa verdade, não a entendo muito bem.

— Não vou fazer um curso de historia da musica. Nós estamos apenas conversando sobre a marcha da arte musical em geral e dos seus principaes representantes. Já sabe que para mim a arte musical começa com Palestrina, e que é d'elle que eu faço datar a primeira epoca da nossa arte, epoca a que chamarei ao mesmo tempo a epoca do orgão e a epoca vocal ; os seus maiores representantes foram Bach e Haendel, que a coroaram dignamente. Chamarei á segunda epoca : *instrumental*, isto é, a epoca do desenvolvimento do piano e da orchestra ; esta epoca principia com Philippe-Emmanuel Bach e termina com Beethoven, que é o seu maior representante, comprehendendo-se n'esse intervallo Haydn e Mozart. Chamarei á terceira epoca : *lyrico-romantica* ; principia em Schubert e tem como representantes Weber, Mendelssohn, Schumann e Chopin, que a fecha. Quanto aos detalhes secundarios da questão, pódem ser encontrados na historia da musica.

— Estou seguindo essa concatenação de ideias.

— Agora vou occupar-me do segundo compositor que a surpreendeu por estar tambem entre os meus eleitos, isto é : GLINKA. Conhece já a minha opinião sobre musica nacional ; mas Glinka, n'este genero, mostrou-se de uma tal superioridade que fica acima de todos quantos se

quizeram aventurar por essa trilha. Schiller disse « que um Deus nunca vem só », e isto é bem verdade na nossa arte. Ha sempre grupos inteiros de autores para cada expressão da arte musical. Assim, no genero de musica nacional, temos : na Hungria Erkel, na Bohemia Smetana, a maior parte dos compositores suecos e noruegueses, na Inglaterra Balfe, antigamente e hoje muitos outros. Em todos estes compositores, a par de uma canção, de um côro, ou de uma dansa de character nacional, ouvimos musica como a de todas as nações; com Glinka é diverso: da primeira á ultima nota, na protophonia, como nos recitativos, nas arias e conjunctos, a melodia, a harmonia e até a orquestração teem um character nacional. Nas suas operas apresenta ao mesmo tempo o cunho de duas nacionalidades : na *Vida pelo Czar* a Russia e a Polonia, na *Rouslan e Lioudmila* a Russia e o Caucaso. O character differente dos dous povos apparece no correr da opera de fórma verdadeiramente magistral, e a technica não é por isso menos elevada, mesmo sob o ponto de vista puramente musical.

— Mas as arias e os *ensembles* das operas de Glinka são escriptas sob a fórma italiana.

— Conservou as formas de combinação, porque escrevia sob a influencia da opera italiana que então dominava na Russia; mas, a melodia, a harmonia, a criação e o sentimento geral são de um character nacional muito pronunciado.

— Se me não engano elle apenas escreveu musica vocal.

— Pouca musica instrumental escreveu, é certo, mas entre outras, tem trabalhos no genero do *Capriccio* para orchestra sobre um thema popular (*a Kamarinskaia*), que é uma obra genial servindo ainda de typo á moderna escola russa. Escreveu ainda notaveis entre-actos para uma tragedia: *O Principe Cholmstky*, nos quaes reuniu com justeza rara o elemento musical israelita. Compoz peças muito interessantes para orchestra sobre themas e dansas populares hespanhoes, alguns trechos para piano e uma grande quantidade de romances. Mas a sua maior criação é de certo a opera; apesar d'isso elle é um dos meus cinco predilectos.

— Não posso dizer que o senhor me tenha convencido a respeito d'esses cinco eleitos. Quanto a Bach, Beethoven e Schubert sou inteiramente da sua opinião, mas quanto aos dous outros acho que o senhor eleva muito Chopin porque é pianista como o senhor e põe Glinka nos chifres da lua porque é seu compatriota russo.

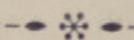
— Antes de passarmos á quarta epoca da arte musical, falemos um pouco da virtuosidade. Existiram *virtuoses* da epoca antiga, que execu-

tavam na sua maioria trechos de sua composição; depois *virtuoses* da epoca moderna que executam quasi exclusivamente os trabalhos dos estranhos. Só a antiga epoca nos póde interessar porque só ella tem influencia sobre a marcha da arte musical. Não tenho muito que dizer sobre os instrumentos de metal, uma vez que os seus *virtuoses* apenas tiveram influencia sobre a technica d'esses instrumentos, sobre a sua fabricação e o seu emprego na orchestra; a sua litteratura conservou-se sempre em um estado lamentavel, á excepção de alguns raros trechos escriptos por grandes compositores como Haendel e Weber.—Já fallei do violino tratando de Paganini e Spohr; se a estes juntamos os nomes de Rode, Kreutzer, Molique, Lipinski, Beriot, Vieuxtemps, Ferdinand David, Ernest, Wieniawski, cujos trabalhos são de valor para o instrumento mas não para a arte da musica em geral, teremos dito tudo quanto diz respeito a este instrumento. Devo acrescentar que os trechos para violino escriptos por Back, Beethoven e Mendelssohn são monumentos de arte musical. A litteratura para violoncello, cujos representantes eram primeiro Romberg, Duport e outros, depois Servais, Davidoff, Popper, etc., teve menos influencia sobre a arte em geral do que a litteratura do violino. Não quero, no entanto, passar em silencio o impulso dado ao violoncello por Servais, como Paganini deu ao violino, um e outro sob o ponto de vista da technica do seu instrumento. Já fallei da influencia nefasta dos cantores *virtuoses* sobre os compositores. Passarei agora ao instrumento que occupa na musica o logar preponderante, o piano. Já pela extensão da sua escala de sons, que apenas é suplantada pelo orgão, (e ainda assim tem sobre este a vantagem de poder nuançar o som), elle devia seduzir o musico. Offerece além disso ao compositor um vasto campo que lhe é permittido de explorar pessoalmente e, o que é ainda mais precioso, deixa-lhe a possibilidade de dar uma execução individual ao seu trabalho, porque em qualquer outra execução elle não depende de si só, mas de outros individuos que o interpretam mais ou menos a seu contento. D'esta fórma o piano tornou-se uma especie de aparelho photographico para o compositor, um *lexicon* musical para o publico, assim o instrumento musical por excellencia. Todos os grandes compositores eram pianistas *virtuoses*, como já o fiz observar, e agora vou fallar dos grandes *virtuoses* que foram tambem compositores. Começarei por CLEMENTI que não hesitarei em chamar o chefe da moderna virtuosidade. Não sabemos quem foram os mestres de Scarlatti, de Couperin, de Rameau, de Bach, de Haendel, de Haydn, de Mozart e mesmo de Beethoven; só podemos admirar como elles puderam attingir um tal gráo de virtuosidade, sobretudo Scarlatti, Bach e Bee-

thoven cuja technica se apresenta cheia de difficuldades. Clementi, o primeiro representante da pedagogia para piano, é ainda para nós até hoje, com o seu *Gradus ad Parnassum*, o melhor guia do *virtuose*; mas as suas sonatas, á excepção de algumas que não são desprovidas de merito artistico, são bem o typo d'esse periodo escolastico. O seu interesse principal consiste sobretudo na propria virtuosidade que nos apresenta sob a mascara de fórmulas classicas. Não é no frontão, mas no segundo plano do templo da arte que devem ser escriptos os nomes de Dussek, Steibelt, Cramer, Hummel, Field, Czern, Moschelés, Kalkrenner, Herz e tantos outros. Todos esses autores trouxeram primeiro a decreptiude da sonata, depois conceberam o concerto para piano sob o unico ponto de vista do traço brilhante, dando ao publico os trechos *Polacca*, os *Rondo brillant* e os *Rondo á la Cosaque* que tanto estiveram em moda. Abusaram sobretudo das *Variações*, essa antiga fórmula de musica instrumental que, depois de se ter elevado com Breethoven até aos cimos luminosos, desceu em seguida até á nullidade e á *chateza*<sup>1</sup>; mas, no seu tempo, Mendelssohn e especialmente Schumann elevaram de novo a variação até ao cansaço. O *Estudo* de caracter pedagogico é pois a unica producção d'esta epoca a qual não tem direito a estima alguma.

ANTONIO RUBINSTEIN.

(*Continúa.*)



## Opinião injusta

Já uma vez o dissemos e volvemos a repetil-o: a *Gazeta Musical* não é orgão do Instituto Nacional de Musica, da mesma fórmula que se não acha filiada a grupo algum, não sujeita a sua opinião á critica de estranhos, não tem interesses que não sejam os da arte que representa na imprensa.

E' por isso que temos apoiado sempre Leopoldo Miguéz, o nosso grande compositor symphonico, Carlos Gomes, o laureado escriptor lyrico, a Congregação Musical, cujo trabalho de propaganda tem sido e póde ser valiosissimo no interesse da arte, e, não esquecendo mortos

<sup>1</sup> Mendelssohn julgou necessario intitular as suas variações: *Variações serias* para distinguil-as das que se publicavam no seu tempo.

e ausentes, a *Gazeta Musical* não perde ocasião de lembrar Levy, Nepomuceno, Oswald e quantos trabalham em pró da arte musical brasileira.

Por isso nos causou estranheza a opinião discordante do Sr. Oscar Guanabarro nas columnas do *Paiç* sobre os futuros concertos do Instituto Nacional de Musica, muito embora vejamos que, na sua qualidade de director da Congregação Musical, era dever seu protestar contra a concurrencia perigosa que lhe pôde vir do nosso estabelecimento official do ensino da musica.

Não resta duvida que a Congregação é digna de todos os auxilios e já por esta folha dissemos que devia a municipalidade subvencionar os seus concertos. Não quer porém isto dizer que não se auxiliem outras tentativas, de character official ou não, e que em arte se faça um monopolio em proveito de quem quer que seja.

Ao contrario do que diz o Sr. Oscar Guanabarro, achamos que a missão do Instituto é essa mesmo: difundir o gosto pela musica por meio de grandes audições de musica escolhida e o nosso meio é muito pobre de recursos para que neste campo da arte se conte apenas com a iniciativa particular.

O Sr. Miguéz não quiz fazer do estado empresario de concertos. Julgou—e julgou muito acertadamente—que ao Estado cabia o dever de correr os riscos da propaganda musical, e pensou muito bem quando pediu uma garantia para os contractos que precisava fazer com os artistas estranhos ao Instituto e que tinham de ser chamados a tomar parte com os alumnos nos grandes concertos que tenciona dar.

Pediu garantias ao estado contra os riscos de prejuizo que podiam dar-se e que não podiam ser pagos pelo seu bolsinho particular.

Pediu ao estado autorisação para fazer grandes concertos onde professores, alumnos, criticos e publico tivessem que estudar e aprender, e estes não podem fazer-se sem uma garantia nesta terra balda de noção artistica.

A Congregação Musical para fazer os seus concertos conta com a boa vontade e o trabalho gratuito dos seus associados; o Instituto, precisando fazer concertos, sabe que tem de pagar aos professores de orchestra que tenha de convidar, e o director daquelle estabelecimento não pôde fazer uma especulação commercial, nem garantir como particular o pagamento dos contractos que faça.

Esperar que tenha alumnos em numero sufficiente para constituir uma grande orchestra é uma utopia; e o illustrado critico do *Paiç* se estivesse a sangue frio, se procurasse estudar mais detidamente a questão,

se não tivesse que resalvar os interesses da associação a cuja frente se acha, se pudesse separar o critico do director de orchestra, havia de nos dar razão e verificar que esses concertos são um chamariz para alumnos de instrumentos de orchestra, e que no Brazil não ha a disciplina dos outros paizes, onde os alumnos completam os seus cursos e continuam dependentes dos Conservatorios.

O Sr. Oscar Guanabarino se lesse os regulamentos dos conservatorios de Paris e de Bruxellas havia de ver que uma grande parte das orchestras d'aquelles estabelecimentos *é constituída por alumnos que já os não frequentam por terem concluido os seus estudos*, o que entre nós seria impossivel conseguir-se, porque difficilmente na nossa terra se consegue que o alumno vá até ao fim do curso, uma vez que todos se julgam *genios* e que o lucro que auferem immediatamente, o resultado pecuniario que vão buscar ás orchestras logo que chegam a um certo periodo de estudo, a abastança relativa de que — felizmente — gozam os nossos professores de orchestra affastam esses alumnos da continuação dos seus estudos.

O Sr. Oscar Guanabarino está em erro manifesto quanto á formação do gosto do publico e á informação falsa com que illude os seus leitores dizendo que os alumnos do conservatorio de Pariz e a aristocracia franceza constituem os *habitués* dos concertos d'aquelle conservatorio.

Se por aristocracia franceza o Sr. Oscar Guanabarino entende a fina flor da sociedade pariziense, o que de mais distincto ha nas artes e nas lettras na capital do mundo civilisado, tem razão. Mas si se refere apenas aos titulares e ao que vulgarmente se chama a *aristocracia pura*, está em perfeito engano, a que o levou talvez falsamente o titulo de *concertos populares* que lhe pareceu ser a democracia da musica.

O povo, o proletariado — se é que o Sr. Guanabarino quer assim designar uma parte d'essa entidade abstracta — não vae aos concertos do conservatorio de Pariz por duas razões: porque os bilhetes andam sempre por empenhos e porque a elevação dos preços lh'o não permite.

Depois, o Sr. Oscar tem o máu sestro de querer fazer tudo á franceza, de assimillar costumes e factos — como se estes fossem assimillaveis — e esquece-se de que estamos em uma terra onde tudo está por fazer e onde só o governo póde levantar o sentimento musical do nosso povo, mandando fazer concertos serios e de uma certa elevação, sem se preoccupar com o dispendio e com a difficuldade de equilibrar receita e despeza.

Começamos hoje a responder ao Sr. Oscar Guanabara e esperamos em artigos subsequentes destruir a sua má vontade contra o Instituto e refutar vantajosamente as opiniões que expendeu.

Não o podemos fazer hoje, como desejávamos, porque o não permitem nem o pouco espaço de que dispomos, nem o accumulamento de materia que prejudicamos para iniciar esta resposta que era precisa.

Não perde comtudo com a demora o abalisado critico e esperamos da sua parte a maior lealdade n'esta questão em que vamos ter o prazer de ver provada a sua alta competencia de critico e de litterato.

(*Continua.*)

---

❖

## Opera Nacional

No nosso ultimo numero e sob este titulo afirmamos haver retirado á ultima hora um artigo em que nos occupavamos do Theatro Recreio e da representação de operas a preços reduzidos.

Publicamol-o hoje, e examinamos a tentativa sob o ponto de vista do interesse que d'ahi pode advir para a arte e do valor que pode ter como educadora do gosto musical do nosso publico.

E' bem provavel que o movel que levou o Sr. Dias Braga a dar a preços reduzidos representações de opera fosse puramente de interesse mercantil; mas o que é verdade é que nós devemos appoiar essa tentativa pelas vantagens que se podem tirar della.

O gosto musical do nosso publico — não nos fartamos de o dizer — acha-se pervertido pela exhibição de peças sem valor, pela audição de musicas perniciosas á arte que representamos.

A opereta, a magica obrigada a jongos e rebolados de ancas, a peça de costumes sem elevação propria, prejudicaram de tal forma o sentimento esthetico do publico fluminense que muito difficilmente conseguiremos encarreiral-o de novo.

Para isso faz-se mister as grandes audições musicaes, os grandes concertos symphonicos, a criação de orpheons e quanto nos paizes adiantados é explorado em proveito do desenvolvimento pelo bom gosto em arte; mas não resta duvida que um dos mais poderosos elementos de que se podia lançar mão para conseguir o alevantamento da musica no Rio de Janeiro, era justamente essa da criação da opera popular, de

representações de opera ligeira a preços ao alcance de todas as bolsas, porque isso constitue o inicio, ou por outra o ponto de transigencia de que se deve cuidar para passar da audicção perniciosa, banal, baixa da musica que condenamos para as boas audições de musica seria e elevada.

Sem duvida de contestação podemos affirmar que o trabalho que o Sr. Dias Braga empreheudeu em proveito dos seus interesses de empresario é dos mais valiosos em proveito da nossa anemica e estiolada musica nacional.

Em todo o Brazil ha muito a fazer em proveito da arte musical, mas em parte alguma como no Rio de Janeiro se precisa mais empregar esforços nesse sentido e auxiliar tentativas d'este gosto.

Nos estados, o publico frequentador de theatro gosta do drama e da musica do melodramma, commovente embora vulgar, mas nesta nossa capital as companhias dramaticas não vingam, ou arrastam vida miseravel, enquanto a opereta desbragada e a magica debochada tripudiam.

O que levou o sentimento do nosso publico a este nivel baixo e pervertido, a causa prima desta prostituição de sentimento esthetico, fora difficil de explicar.

O facto existe precisando correctivo, esta é a questão, e devemos pegar pelos cabellos quantas occasiões nos appareçam.

A tentativa do Sr. Dias Braga deve por nós ser explorada em proveito da nossa arte, e para isso fora mister se podessemos, auxilia-pecuniariamente para que a parte pratica da empreza podessè ser levada a bom fim.

Depois, não é só o gosto do publico o que nos preoccupa, são as disposições que já animam os nossos amadores e artistas—o que se depreheude das duas noticias que publicamos no n. 17 extrahidas do *Figaro* — e ainda mais a occasião que se nos proporciona de dar ensanchas a serem ouvidas algumas producções nacionaes.

Annuncia-se já no theatro Recreio a proxima exhibição da *Moema*, partitura do nosso intelligente patricio Assis Pacheco, e sem duvida iremos assistir á representação de outras partituras nacionaes, cousa que até hoje não tivemos por falta de palco lyrico fixo e nacional.

E' para nós ponto de fé que, reunindo elementos de um certo valor e de modesto ordenado, não será difficil constituir um regular grupo lyrico na nossa capital, e não resta duvida que uma companhia pequena nestas condições não terá folha de companhia superior ás que temos visto em companhias de opereta.

Se estas teem vivido, é mais que certo que aquella viverá tambem, e nós teremos talvez, em prazo mais ou menos longo, uma scena lyrica onde os nossos compositores possam fazer a prova dos seus trabalhos, o que é decerto um elemento preciosissimo.

O tentamen dos nossos amadores, querendo constituir um grupo lyrico para a audiçãõ de operas, é digno de applauso e merece todo o nosso apoio; mas não resta duvida que, se muito pode fazer pelo engrandecimento da nossa musica nacional, tem a luctar com difficuldades que uma empreza, como a do Recreio, mais facilmente pode levar de vencida.

Empenhamos toda a nossa boa vontade por uns e por outros, muito mais quando nos parece que aos dois cabem missões differentes que todavia se completam.

O grupo de amadores, pelos elementos aristocraticos que o constituem, impõe ao gosto do publico a musica de uma certa elevaçãõ e congrega em seu redor a parte mais elevada da nossa sociedade; a opera lyrica a preços baratos do Recreio, educa a camada baixa da nossa sociedade, e, recebendo o influxo benefico do apoio do grupo de amadores, dá-lhe tambem auxilio preparando publico, diffundindo o gosto pela musica, elevando um e outro o sentimento esthetico d'este povo, educando e disciplinando convenientemente as nossas orchestras, fazendo aparecer regentes que muito raros hoje são e que é preciso que tenhamos.

Do que fica dito vê-se o interesse que ligamos á tentativa do Sr. Dias Braga.

Temos confiança na sua tenacidade, porque d'ella nos tem dado provas nos dez annos de companhia dramatica que tem dirigido. Muito esperamos do seu patriotismo, porque de ha muito nos habituámos a consideral-o brasileiro. Contamos com o apoio do nosso publico porque o seu sentimento é bom, a sua alma é maleavel e capaz de todas as comprehensões do bello, como povo artista que somos d'este vasto continente americano.

Terminamos, pois, enviando sincero applausos ao Sr. Dias Braga e incitando-o a proseguir na trilha que tomou, uma vez que muito ainda lhe poderemos dever um dia pelos beneficios feitos em pró da arte musical brasileira, pondo-nos ao seu dispôr para quanto possamos fazer em seu poveito e no da tentativa que iniciou.

## Noticias do Rio e Estados

### CONCERTO ENRICO LA ROSA

Realisou-se no domingo, 25 do mez proximo passado, a festa artistica d'esse nosso notavel violinista, em *matinée*.

Si bem que o tempo estivesse chuvoso e houvesse n'esse mesmo dia e á mesma hora, dous outros grandes concertos, o publico, a principio pouco numeroso, não deixou de ir prestar a esse distincto *virtuose* a homenagem de que é credor, e a concurrencia foi o que chamaremos — regular.

Deu principio á *matinée* a *Danse Tcherkesse*, para dous pianos, pelas Mlles. Elvira Bello e Haydée França, ambas discipulas do nosso Instituto.

Esta bella e graciosa composição foi executada com correcção e elegancia pelas duas talentosas amadoras. Quanto á primeira, já temos tido occasião de fallar d'ella com encomios e applausos e d'esta vez não faremos mais do que reiterar-lh'os.

Mlle. Haydée secundou-a com vantagem, mostrando-se não menos digna dos nossos elogios.

Seguiram-se a *Romança* em mi bemol, de Sivori, a *Berceuse*, de Simon, e o *Moto Perpetuo*, de Ries, para violino, pelo nosso excellenté artista, que executou essas peças com a maestria e a perfeição que todos lhe reconhecem.

A *Ballade* em sol menor, Chopin, para piano, foi logo após executada por Mlle. Elvira Bello. N'esta peça podemos melhor apreciar as grandes qualidades da nossa joven pianista, que, em peça como esta a um tempo tão difficil de execução, quanto de interpretação, nos satisfez completamente. Esta pagina musical encerra, com effeito, a par de muitas bellezas, grandes difficuldades, que pódem servir de pedra de toque a um executante.

A nossa patricia soube fazer sobressahir umas e vencer outras com um desembaraço e uma segurança que nos encantaram. Parabens ao seu eximio mestre, o Sr. Professor Bevilacqua.

A segunda parte do concerto começou pela *Sonata* em la maior, composição de Leopoldo Miguéz, para violino e piano, executada por

esses dous mestres que se chamam Bevilacqua e La Rosa. Foi a primeira vez que ouvimos essa peça e parece-nos mesmo, que a primeira que foi executada em publico. Sentimos que o espaço dedicado a esta noticia não nos permitta salientar as muitas e grandes bellezas que se ostentam no correr d'esta encantadora *Sonata*, trabalho de muita inspiração, que revela um compositor perfeitamente conhecedor das difficuldades de sua arte e que poderia ser assignado por qualquer dos grandes compositores conhecidos. Quanto á execução, nada poderia deixar a desejar, confiada como foi aos nossos dous artistas.

Na *Gavotte e Musette*, de Raff, para dous pianos, ouvimos novamente as nossas sympathicas e distinctas amadoras, que, mais ainda do que na primeira, se é possível, affirmaram o alto valor da escola de piano do nosso Instituto. Todas as passagens d'esta bella peça foram de facto executadas com uma perfeição tal, por um modo tão meliculoso e tão apurado, mesmo nas mais infimas particularidades, que não nos é licito regatear-lhes os nossos applausos.

As peças que terminaram o concerto foram : *Romanza*, de Svendson, *Solvejgs-Lied*, de Grieg e *Hullánzó-Balaton*, de Hubay, todas tres para violino.

La Rosa foi n'estas tres peças de um primor de execução verdadeiramente admiravel.

N'ellas revelou-se o artista de raça, o *virtuose hors ligne*, que tantas vezes nos tem arrebatado aos sons magicos do seu violino.

O encanto com que fez vibrar o seu mavioso instrumento nas phrases melodicadas da *Romanza*, enchendo-nos a alma de um sentimento vago, inexprimivel, e emocionando-nos profundamente; o mimo, a graça, a delicadeza com que executava certas passagens leves, vaporosas, de *Solvejgs-Lied*; a bravura, o arrojo, a celeridade com que executou os passos difficeis e arriscados da *Hullánzó-Balaton*, com uma segurança e uma imperturbabilidade verdadeiramente prodigiosas, fariam d'elle um artista de primeira ordem, se como tal não estivesse já consagrado pelo publico e pelo nosso mundo musical. E aquelles que concorreram ao concerto bem o comprehenderam applaudindo-o com enthusiasmo, sobretudo ao terminar a ultima peça. Perteitamente correcto, em todas as peças, o seu excellente acompanhador, o Sr. D. de Carvalho.

Ao bravo e sympathico artista La Rosa, d'aqui enviamos a expressão dos nossos mais calorosos applausos.

**PAPELARIA CARVALHAES**

55, Rua dos Ourives, 55

Grande sortimento de objectos de escriptorio. Lindas collecções de chromos.

**CARVALHAES & C., RIO DE JANEIRO****FREDERICO GUIGON****PIANOS**

Vende, concerta, aluga e afina

9, Rua dos Ourives, 9

**M. N. MOREIRA PARANHOS****PIANOS**

Vende, aluga, concerta e afina

Rua 7 de Setembro, 155

**CAMISARIA ESPECIAL****53, RUA DO OUVIDOR, 53****ALVARO BRAGA***A. LEBRETON & C.*

Casa especial em concertos de pianos

Afina, vende, troca e aluga

77, Rua do Rosario, 77

**FREDERICO DO NASCIMENTO**

Professor de violoncello e harmonia

Recados: rua da Quitanda, 42

**A CASA MILLIET**

Tendo augmentado consideravelmente o seu sortimento de todos os artigos de OURIVESARIA, CHRISTOFLE, CRYSTAES E PORCELLANAS FRANCEZAS

está habilitada a fazer grandes fornecimentos, tanto para particulares como para hotéis, botequins collegios, etc.

IMPORTAÇÃO DIRECTA — PREÇOS SEM COMPETENCIA

As vendas por grosso dos *Talheres de Christofle* têm desconto especial.

19, RUA DOS OURIVES, 19

PORTA TUNNEL

**IGNACIO PORTO-ALEGRE**

PROFESSOR DE CANTO

**46, Rua Marquez de Olinda, 46****CASA AMERICANA**

Armazem de moveis americanos, francezes, austriacos e allemães

ARTIGOS DE FANTASIA, USO DOMESTICO E LAVOURA

**B. M. de Carrazedo Junior**

40, Rua da Quitanda, 40

**PIANOS E MUSICAS****FERTIN DE VASCONCELLOS & MORAND, RUA DA QUITANDA, 42**  
RIO DE JANEIRO**A. M. AFFONSO PIRES**

AFINADOR E CONCERTADOR DE PIANOS

Recados: rua do Rosario, 77

**A ESTACAO**  
18 cada numero

JORNAL DE MODAS PARISIENSES  
DEDICADO AS SENHORAS BRASILEIRAS

PROVINCIAS  
UM ANNO  
20\$

CORTE  
UM ANNO  
18\$

MODAS VESTUARIOS PARA SENHORAS E CRIANCAS, TRABALHOS DE AGULHA ETC.

BELLAS ARTES LITTERATURA, REVISTAS DO MUNDO ELEGANTE, MODOS DE ECONOMIA DOMESTICA.

Editores Proprietarios  
**LOMBAERTS & CIA**  
7 RUA DOS OURIVES 7  
RIO DE JANEIRO

XIVº Anno

**PIANOS**

DE

PLEYEL, H. HERZ, GAVEAU, BORD, ETC., ETC.

Unico deposito dos

**PIANOS BLÜTHNER**

GRANDE SORTIMENTO

DE

**MUSICAS**

DE

TODOS OS EDITORES

**BUSCHMANN & GUIMARAES**

52, RUA DOS OURIVES, 52